

COMBATE

A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES É OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES

MORADORES LUTAM CONTRA OS DESPEJOS

Publicamos a seguir uma entrevista realizada com quatro moradores de um prédio situado na Rua da Artilharia Um, em Lisboa, que ocuparam em Março de 1975 e recentemente foram ameaçados de despejo.

Estes camaradas têm lutado para conseguirem garantir o FIM DOS DESPEJOS e pelo direito à habitação. Nessa luta têm sabido mobilizar outros moradores com os mesmos problemas e ganhar o apoio de trabalhadores da indústria. Esta unidade de acção já lhes permitiu enfrentar em comum a polícia, quando esta os atacou em S. Bento.

O governo ataca hoje os ocupantes isolados, para amanhã ganhar força para acabar com as ocupações. Hoje, mais que nunca todos os moradores, todos os trabalhadores, todos os revolucionários devem estar unidos e mobilizados para fazer frente à repressão e às leis que o governo nos pretende impor na tentativa de assegurar a sua estruturação capitalista.

Estes camaradas contam-nos aqui como estão dispostos a lutar e como lutam.

História de uma ocupação

COMBATE - Como é que fizeram a ocupação? De quem era este prédio?

Morador A - O dono do prédio era o engenheiro Vaz Guedes, conhecido na construção de barragens. Este prédio só tinha o rés-do-chão e depois mandou fazer a ampliação em 1950. Os anos passaram, o homem morreu e os herdeiros pouco tempo aqui estiveram. Venderam a uma firma qualquer que por sua vez vendeu à firma que é hoje dona do prédio - senhores José Pires Brito e Manuel Duarte e o nome da firma não me recordo, mas são estes homens que aparecem como donos deste prédio. Deram por ele 16.5000 contos. Em 1959, ele estava vago (tenho documento disso) e em Janeiro de 1970 tentaram obter uma autorização na Câmara para demolir o prédio, mas não conseguiram. Este prédio nunca será demolido: primeiro, porque não há razão para isso, segundo porque o governo deposite vinha aqui fazer reuniões - há até uma sala grande com um écran pintado na parede.

Ora bem, vamos agora falar da invasão. Nós em 23 de Março viemos invadir. Dois dias antes o senhorio tinha metido aqui um velhote da Câmara reformado, dizendo que lhe dava dez contos, manda ligar as luzes todas do prédio e manda cortar a água. É claro começou a haver por aqui explosões, a vizinhança começou a ouvir isto aqui dentro e segundo uma pessoa do prédio aqui do lado chamaram o Copcon, a polícia e diversas pessoas e o velhote ficou preso e as consequências disso não se sabem. Entrámos pelas traceiras, tivemos que saltar o muro e entrámos para cá pendurados a uma rede que está junto a um prédio vizinho pelo ar.

COMBATE - Como é que vocês se juntaram? Quantas pessoas eram?

Morador A - Nessa altura ficámos já cá oito famílias. Viemos por intermédio de uns rapazes da FEC que andavam nessa altura a

trazer ocupações. Depois este rapaz que está aqui (morador B nesta entrevista - nota do COMBATE) e o marido daquela senhora (moradora, nesta entrevista) formaram uma Comissão de Luta. Foram eles que vieram com a gente invadir esta casa.

COMBATE - E essas famílias de onde vieram?

Morador A - Um vieram de barracas de Xabregas, eu vim de um quarto, aquela senhora de uma parte de casa e outras de bairros de lata.

Moradora - E depois mais tarde vieram os retornados.

Morador A - Eles só vieram talvez seis meses ou um ano depois. Um dos ocupantes saiu e então este rapaz aqui passou para esta casa e os retornados foram ocupar a cave.

E...logo a seguir à ocupação

COMBATE - O que fizeram após a ocupação?

Morador A - É o ponto que eu queria chegar. Distribuímos as casas, apenas tínhamos como luz umas velas e escolhemos as casas à sorte.

Moradora - Estivemos sem luz uns dois ou três meses.

Morador A - Água tinha o prédio. Logo no mês de Abril começámos a trabalhar, conseguimos arranjar a papelada da Câmara para podermos meter água ao fim de um mês. Formos à Junta de Freguesia, à Comissão de Moradores, demos essas voltas todas. Fizemos nós toda a instalação de água, reparámos os canos que eles tinham estragado.

Morador B - Cortaram todas as alimentações de água; os canos de gás completamente; a electricidade o que é que fizeram? Corta-

(Cont. pag. 1)

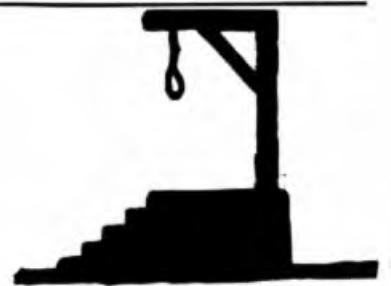
CONDENAÇÕES À MORTE NA IRLANDA

Os tribunais especiais da Irlanda do Sul acabam de condenar à morte dois jovens anarquistas de 25 e 27 anos, Noël e Marie Murray, acusados de matarem um polícia depois de um assalto a um banco. Marie e Noël declararam-se inocentes e as únicas provas reconhecidas contra eles foram confissões obtidas sob tortura.

Os tribunais especiais funcionam sem júri, sem intimação de testemunhas e reconhecem como válidas confissões obtidas sob tortura. O tribunal Criminal Especial foi fundado em 1939 e foi uma vez mais reactivado em Maio de 1972. Desde a sua formação que a sua principal actividade tem sido reprimir os republicanos e desde 1972 quase 1000 republicanos e socialistas foram condenados sob as declarações incontestáveis dos polícias que serviram de testemunhas. A predisposição dos juizes neste caso dos Murrays foi chocante.

A tortura física e psicológica foi tão brutal que um terceiro acusado neste caso Ronan Stenson, não pôde comparecer durante as seis semanas do processo e aguarda a saída do hospital para ser julgado.

Não havia condenações à morte na República da Irlanda desde 1954 e para este duplo enforcamento o governo de Dublin tem de procurar por anúncio um carrasco na Grã-Bretanha.



A execução foi primeiramente marcada para 9 de Julho de 1976. Na impossibilidade de apelar da sentença, Marie e Noël só puderam recorrer, por violação da lei processual, para o supremo que no dia 29 de Julho recusou o apelo, FIXANDO A DATA DE EXECUÇÃO PARA NOVEMBRO.

O AUMENTO DA REPRESSÃO

No dia um de Setembro, o Parlamento Irlandês declarou o estado de emergência na Irlanda do Sul. O estado de emergência já existia desde 1970 na Irlanda do Norte sob o exército britânico, agora existe em toda a Irlanda. No Sul este estado de emergência inclui penas de prisão de dois a sete anos por militância em qualquer organização considerada ilegal. A polícia pode deter qualquer suspeito durante sete dias (em vez de 48 horas) e há penas mais graves para qualquer tipo de "subversão". Claro que o governo não está só a pensar em militantes do IRA, pode utilizar estas leis contra a classe operária. A partir de agora qualquer organização pode ser tratada como ilegal e sujeita às condições do estado de emergência.

(Cont. pag. 1)

neste número:

TIMEX - Pág. 2

COMBATE A \$500, PORQUÊ

TIMEX: luta para garantir os postos de trabalho

A entrevista que se segue foi realizada no dia 31 de Agosto de 1976 com três delegados sindicais da TIMEX. Os delegados sindicais organizados num secretariado, são hoje, nesta empresa, os únicos representantes oficiais dos trabalhadores, após a auto-destituição da Comissão de Trabalhadores.

Nesta entrevista procurámos saber qual a situação actual dos trabalhadores daquela empresa multinacional quanto à situação económica e quanto aos problemas internos: unidade dos trabalhadores, sua mobilização e formas de organização.

São de salientar os contactos internacionais efectuados quando ainda vigorava a Comissão de Trabalhadores e que se mostraram frutuosa pelo menos para a elaboração do dossier de luta. No entanto, esses contactos foram efectuados mais a nível pessoal e não no sentido de uma efectiva ligação

lutas, por isso essas relações com os trabalhadores de outros países não existem hoje, nem os trabalhadores da TIMEX vêem neles grande importância.

Esperamos que a continuação da luta venha a mostrar, na prática, a importância destas relações internacionais estabelecidas na base, e que a condução da luta que agora iniciam não escape ao controlo do conjunto dos trabalhadores.

A AMEAÇA DE DESEMPREGO

COMBATE - Podem-nos dizer o que se passa actualmente na TIMEX?

Trabalhador A - Neste momento, a situação é a seguinte: estamos num regime de sub-emprego resultante de um acordo firmado entre a administração desta empresa e o Ministério do Trabalho. Estamos a trabalhar sob o artigo 530/76 que permite às empresas reduzir o tempo laboral. Estamos, portanto, sujeitos a esse acordo e trabalhamos três dias por semana e temos uma posição oficial da empresa que comunica que encerra as suas actividades em Portugal em 31 de Dezembro deste ano. Diz que continua a fornecer o mercado interno e com o serviço de reparações e assistência a esse mesmo mercado interno, mas como o mercado interno só absorve 60.000 a 80.000 relógios por ano, isso só poderá dar emprego a 100 pessoas no máximo. Aliás há aí uns rumores de que há 93 pessoas contactadas para ficarem cá. Daqui se deduz que há 1400 postos de trabalho em perigo a partir de 1 de Janeiro de 1977.

C.T. AUTO-SUSPENSA

Neste momento a única estrutura que existe na empresa a nível de órgãos representativos dos trabalhadores é a comissão sindical formada pelos diversos delegados sindicais, uma vez que a Comissão de Trabalhadores que existia está numa posição de auto-suspensão. Chegou-se a este estado a partir de uma dada altura em que os trabalhadores se dividiram devido a variadíssimas causas: lutas partidárias cá dentro, hegemonia deste ou daquele partido momentaneamente, que muitas vezes não correspondia à sua massa trabalhadora. O que é certo é que chegámos a este estado. No entanto, essa estrutura que existe não está parada, estamos a tentar organizar um processo capaz (ou pelo menos que tenta) de lutar pelos nossos postos de trabalho. Para isso convocámos já os sindicatos que operam cá na TIMEX. Conseguimos formar um Secretariado com dirigentes sindicais e delegados sindicais, que enquetou uma estratégia, uma luta, no sentido de tentar pelo menos não ficar arredada do processo, uma vez que para esse acordo que a Administração firmou

com o Ministério do Trabalho nem sequer foram ouvidos os órgãos representativos dos trabalhadores. Foi tudo feito à margem deles, cozinhado nas costas dos trabalhadores.

O que há de concreto neste momento, e a nossa perspectiva é esta, nós entendemos que a salvaguarda destes postos de trabalho terá de passar por uma reconversão da empresa com intervenção estatal, uma vez que não se vê assim muitas hipóteses dos trabalhadores entrarem em autogestão, ou qualquer coisa parecida. A nossa perspectiva é no sentido de pressionar o governo, uma vez que a administração americana abandona



CONTACTOS COM TRABALHADORES DE OUTROS PAÍSES: "POUCO FRUTÍFEROS"

COMBATE - Disseste que os trabalhadores sozinhos não podem fazer a reconversão da fábrica e não podem conseguir emprego para os 1400 trabalhadores que cá estão. Também me parece que sozinhos teriam dificuldades, mas penso que tentando ligar-se aos trabalhadores desta multinacional ou de outras fábricas de relógios e aparelhos de precisão de outros países ou mesmo a outros trabalhadores de fábricas do mesmo tipo em Portugal, talvez conseguissem evoluir para uma situação controlada por vocês e que desse resposta aos problemas que hoje vos afetam. Alguma vez tentaram contactos deste tipo? Se vão entregar todo o processo aos técnicos governamentais poderão vir a chegar a uma situação que escapa ao controlo dos trabalhadores.

Trabalhador A - No que respeita a contactos, eles ultimamente foram desaparecendo. É evidente que com a suspensão da Comissão de Trabalhadores esses contactos foram esmorecendo, mas nós mantivemos durante longo tempo contactos com os trabalhadores de outras fábricas TIMEX na Europa, nomeadamente com a de Besançon - esses contactos foram feitos inclusivamente a nível de sindicatos, que nos forneceram a dada altura elementos que até nos foram úteis para a elaboração do dossier que elaborámos há tempos, mas na prática esses contactos resultaram pouco frutíferos no sentido desta perspectiva nova que se abre agora de manutenção dos postos de trabalho. Com certeza que não estamos fechados a outras contactos que apareçam. Pensamos é que é utópico pensarmos que podemos controlar o processo todo sem nos servirmos da técnica existente

as actividades e a empresa acaba, à intervenção estatal, no sentido de tentar aproveitar o equipamento que temos e que é dos melhores que há no país, cremos nós, para começarmos a fabricar componentes para diversas indústrias. Nesta altura é prematuro falar já pormenorizadamente mas temos já uma ideia muito geral daquilo que se pode fazer cá atendendo às carencias do mercado nacional e pensamos que conseguiremos mostrar ao governo que será uma possibilidade viável reconverter isto e pelo menos garantir os postos de trabalho, não já numa perspectiva total, mas como a partir do dia 31 de Dezembro estamos no zero e se conseguirmos fazer alguma coisa, pois talvez a médio prazo possamos aguentar todos os postos de trabalho que existem na fábrica.

Tudo isto são questões a que não podemos dar resposta sozinhos, terá que ser através dos departamentos governamentais ligados ao assunto. Está marcada uma reunião no Ministério do Trabalho já com elementos da Secretária de Estado da Indústria Ligeira e o secretariado que se formou (sindicatos e delegados sindicais) e pensamos apresentar ao governo propostas concretas no sentido do que poderemos fazer, colmatando carencias que existem a nível nacional. Em termos muito gerais é o que se passa actualmente na empresa.

Trabalhador A - Penso que para o mercado interno não precisa destas instalações, qualquer barracão lhe servirá, não tem sentido manter aqui só 100 trabalhadores.

Trabalhador B - A fábrica americana não abandona o país, ela continua cá com o mercado interno.

ou de técnicos existentes, não sei o que é que poderíamos fazer por exemplo a nível da gestão comercial etc., não é de modo nenhum estarmos a cercear o movimento dos trabalhadores e de todos estes movimentos que se formam, mas penso que neste momento em Portugal não temos condições para tentar uma coisa destas. Há questões que muitas vezes nos ultrapassam, mas penso que a única perspectiva que nos é viável ter é aproveitarmos o instrumento que temos para pressionar o governo no sentido de intervir aqui numa forma a combinar.

COMBATE - Como é que perderam os contactos internacionais que já tiveram?

Trabalhador A - É um resultado da desmobilização que existe no pessoal aqui. Lá fora esses contactos (isto é a minha posição pessoal que poderá não estar de acordo com a dos órgãos dos trabalhadores na altura): havia muita demora nas respostas, estas às vezes eram vagas, haviam um sem número de problemas. Volto a repetir que eles foram úteis em dados momentos, mas penso que esses contactos não tiveram na prática os resultados que seriam de esperar, por um motivo ou por outro...

COMBATE - Nunca houve deslocamentos de trabalhadores daqui, ou de trabalhadores de outros países até aqui à TIMEX?

Trabalhador A - De nós pode-se dizer que não. Havia um elemento daqui que fazia parte dos órgãos representativos que se deslocava frequentemente ao estrangeiro: Inglaterra e Alemanha. Mas eu creio que ele fazia isso a título pessoal...

(Cont. pags centrais)

Editorial

TUDO VAI BEM... A ORDEM REINA EM PORTUGAL

Há muita gente que diz por aí que um golpe de Estado fascista está para breve, que os latifundiários e os patrões voltam.

Mas, de que é que estes senhores (que isto espalham) têm, aparentemente, tanto medo? Mais ainda, quem está interessado num golpe de Estado que faça voltar o fascismo e os patrões?

Uma simples análise do desenvolvimento da situação económica e social nada deixa prever dum tal golpe.

Pelo contrário, os actuais governantes preparam as medidas repressivas internas necessárias para conter a revolta dos proletários, ao mesmo tempo que tentam encontrar as medidas de reactivação económica.

Nem o governo actual, nem os partidos mais conservadores (PPD e CDS) falam em reprivatizações - discutem é a melhor maneira de planificar a economia que está nas mãos do Estado, e a melhor forma de explorar os trabalhadores, de conseguirem arrancar mais e melhor trabalho, mais horas de produção, ou seja, melhorar por todos os meios a produtividade capitalista.

Entretanto, as rendas de casa subiram, os preços dos alimentos aumentarão, o desemprego continuará ao mesmo tempo que os despejos das casas ocupadas, as limitações à greve continuarão e as cargas da polícia contra os protestos dos explorados já falam por si mesmas.

Perante isto, nós vamos ficar em casa a contemplar a Heidi e Kung Fu, iremos submeter-nos à exploração crescente, à repressão cada vez mais violenta?

É o medo de que tal se não verifique que faz com que o aparelho de Estado se reforce com leis e polícias.

Acabemos com os medos infundados ao capitalismo privado e combatamos o Estado patrão de todos que se fortifica!

Mais ainda, que nos mostra o desenvolvimento capitalista internacional? Que os países europeus reforçam cada vez mais os respectivos aparelhos de Estado, e os laços entre Estados se consolidam. Como pensar em golpe fascista quando mesmo em Espanha as forças defensoras do capitalismo privado cedem terreno perante as forças de capitalismo moderno!

Quem a nível internacional apoia um fascismo em Portugal?

É possível que o governo PS não se aguente e que coligações várias entre o CDS, PPD e PS se reforçem. Estes governos (ou candidatos a tal) distinguem-se do actual, acima de tudo, nas formas de repressão aos trabalhadores.

Nas então, porque andam os partidos e partidinhos por aí a espalhar boatos e a ameaçar com o fascismo? Porque é que nos tentam meter medo?

Porque ao mesmo tempo que espalham o medo, oferecem a receita da segurança, ou seja, a entrada para as suas organizações partidárias ou pseudo-partidárias. Os tais partidos ditos revolucionários, conscientes de que os proletários não se deixam arrebatar com facilidade, têm procurado fazer-lo de forma mais indirecta através dos chamados organismos unitários, que reúnem todos os políticos profissionais, (a famigerada "consciência" dos explorados) aspirantes ao poleiro, de que os GDUPS são o último resultado. Contagiam o medo porque tem medo de ver como os trabalhadores os ignoram na sua prática de luta e como tantos outros que agarraram por algum tempo nos partidos os começam a largar conscientes de que estes nada têm com a sua emancipação.

Ora bem, o que é certo é que entre os trabalhadores há muita

desmobilização, muito desânimo, e o que é pior ainda muitas ilusões e ideias partidárias sobre a sua emancipação, acerca do fim da exploração.

Assim, nas entrevistas deste número surgem, como por toda a parte, as ilusões de que o Estado pode ser um instrumento de libertação dos proletários: os delegados sindicais da TIMEX, que conosco falaram, consideram que só com a ajuda dos gestores do governo poderão sair do impasse da sua luta e que o facto de os trabalhadores deixarem de ser explorados por uma multinacional e passarem a trabalhar para o mercado nacional (no sentido da "independência nacional" como dizem) é como que um fim da exploração, apesar da intervenção do Estado, e por isso menosprezam os contactos com outros explorados daqui ou de outros países. Os moradores da Artilharia Um vêem no Estado uma estrutura que deverá ter por missão ajudar os que trabalham. Julgam possível a existência de uma sociedade socialista com ministros a "zelarem pelos interesses dos proletários". Socialista como, se o Estado é uma instituição que escapa ao controlo dos trabalhadores?

O Estado, esse bando de burocratas e sanguessugas, essa forma de centralização autoritária imposta pela necessidade do capitalismo em desenvolvimento, como é que pode ser um instrumento de libertação? Libertação de quem? Do trabalhador produtivo que trabalha no campo, na fábrica para dar de comer a tecnocratas ministros, chefes e outros da mesma igualha?

O Estado só emancipa os gestores, os burocratas, as cúpulas dos partidos aspirantes a nossos chefes. O Estado só serve para administrar a nossa exploração e opressão, e se não é assim, que o digam os trabalhadores russos, chineses, albaneses, polacos, angolanos, suecos, brasileiros...

É por isso que é necessário que nós, os que perdemos as ilusões partidárias, mas não as ganas de sermos livres, tomemos conta das nossas fábricas e da nossa vida. Nós que temos a força de lutar temos que transmiti-la aos outros. Se o nosso objectivo é o fim da sociedade de exploração, a contestação quotidiana da repressão económica e social crescente são um meio de o fazermos.

É preciso organizarmo-nos para isso. Mas é preciso que não façamos as mesmas asneiras que os partidos fazem: chefes que pensam e mandam e "carneiros" que executam - já vimos os resultados que deram aqui como por todo o mundo.

Ação subversiva sim, acção directa ali onde a exploração e a opressão se sentem e não repetimos as asneiras das mobilizações para recolhas de fundos, das manifestações anti-fascistas enquadradas por serviços de ordem, novas polícias, que sob o pretexto de defenderem as manifestações castram-nas e defendem-nas de perturbar a ordem burguesa.

Não esperemos que outros façam as coisas por nós, não esperemos ordens. Podemos com os nossos meios tomar iniciativas próprias, não podemos estar à espera que apareça uma organização que nos diga o que devemos fazer. Juntemo-nos uns aos outros e tentemos com os nossos próprios meios contribuir para o desenvolvimento da luta autónoma e pela unificação dessas lutas, por ultrapassar as barreiras entre países eousemos contactar directamente os proletários de outros países. Ponhamos em comum os nossos meios de acção e contactemo-nos directamente.

CONDENAÇÕES À MORTE NA IRLANDA

(Continuação pag.1)

De onde vem esta repressão? A crise económica atinge a Irlanda mais profundamente que o resto da Europa: o desemprego atinge aí 17%, a inflação mais de 30% por ano, em 1973-75 a Irlanda tinha o maior número de dias perdidos devido a greves em todos os países da OCDE. A burguesia de Estado não consegue dominar a crise: as várias facções da burguesia (incluindo o IRA) lutam entre si para conseguirem a supremacia e é a classe trabalhadora que tem que pagar a crise.

Face a esta crise a repressão agudizou-se extremamente:

- Lei da Jurisdição Criminal, promulgada muito recentemente, permite julgar e condenar qualquer pessoa acusada dum crime cometido na Grã-Bretanha e no Ulster. Pode-se assim condenar a sete anos de prisão qualquer pessoa que tenha fugido dum cadeia ou dum campo de concentração britânicos. Esta lei põe fim ao direito de asilo político previsto pela convenção europeia dos direitos do homem à qual, no entanto,

a Irlanda adere.

- Infracção da lei "State act" - Esta lei permite, entre outras coisas, a prisão durante quatro anos de qualquer pessoa desde que um polícia declare "que pensa" que ela pertence a uma organização ilegal. Durante o agravamento da crise, o governo de Dublin alarga o campo de aplicação desta lei que atinge não só várias centenas de membros do movimento republicano, mas também desempregados e que foi utilizada contra os Murrays.

BRUTALIDADE DA POLÍCIA

O tratamento dos prisioneiros políticos nas prisões e tribunais irlandeses é brutal. As tarefas dadas pelos guardas são tão severas como as dos odiados R.U.C. ("Royal Ulster Constabulary" - polícia na maioria protestante, da Irlanda do Norte). Alguns dos métodos para extrair confissões usadas pela polícia nas 26 regiões, descritos pelos prisioneiros, incluem tarefa dada com uma corda cheia de nós, pancadas com um martelo, serem pendurados pelos cabelos

e postos contra a parede apoiados nas pontas dos dedos durante longos períodos, etc. até as declarações serem assinadas. No caso de Noël Murray, ele foi pendurado de cabeça para baixo sobre uma sanita e a cabeça era mantida dentro enquanto o autoclismo descarregava água e os polícias urinavam. Este tipo de tratamento manteve-se por mais de 18 horas até que ele fez uma confissão verbal. No caso de Marie Murray eles simplesmente a obrigaram a ouvir os processos de tortura da cela ao lado até que ela ficou tão convencida que lhe iam matar o marido que estava disposta a dizer qualquer mentira para o salvar.

Não podemos permitir que os Murray sejam enforcados.

Manifestemos o nosso repúdio.

Na Livraria Contra a Corrente (Rua da A-talaia, 204-206 em Lisboa) existe um abaixo-assinado que vai ser enviado ao Comité de Defesa dos Murray (155 Church Road, Celbridge, Co. Kildare, Ireland), à Embaixada da Irlanda em Portugal, Ministério da Justiça Irlandês e também ao jornal Irish Times, Dublin.

TIMEX luta por uma reconversão

(Continuação pag. 2)

Trabalhador C - Em circunstância nenhuma se sentiu um apoio da parte de outras organizações internacionais, quer dentro do leque de fábricas da TIMEX, quer mesmo ao nível de fábricas como a Lip, quer ainda de outro tipo de organizações.

Foi aqui em Portugal fui contactado por várias pessoas estrangeiras que conhecia, pertencentes a várias organizações políticas e a ajuda que recebi delas, quer ao nível pessoal quer ao nível de puxá-los para uma causa comum, também não encontrei um apoio. E em minha casa estiveram uns sete ou oito, especialmente franceses e um holandês. Foram mais do género de visita de cortesia, ficaram interessados do que eu se passava, diziam-me o que os seus movimentos faziam nos respectivos países, mas ficavam-se por aí. Aquela geração de acção concreta nunca vi nada.

DESMOBILIZAÇÃO: PORQUÊ?

COMBATE - Parece-me estranho, ou pelo menos difícil de perceber, que numa altura em que 1400 trabalhadores estejam ameaçados de desemprego, haja divisões entre os trabalhadores, ou pelo menos que não consigam caminhar com perspectivas comuns. Parece-me que esta nossa linha a auto-dstituição da Comissão de Trabalhadores?

Trabalhador A - Penso que a partir deste caso concreto - que é o risco de desemprego colectivo - que agora existe uma boa possibilidade de conjugar esforços e conseguir aquela unidade que tem andado muito por falta nesta empresa. A partir de agora, penso que será possível conseguir qualquer coisa de forte e sólido.

A auto-dstituição da Comissão de Trabalhadores nos últimos processos já levou de arranjar os próprios, de digamos o problema de vários problemas que surgiam nos vários setores e havia todo um processo de que as pessoas estavam já saturadas. Mas agora, como momento no momento, houve um momento em que se pôde dizer que houve uma unidade que não tem conseguido. Mas há de dizer-se que há de parte dos trabalhadores que se dispersaram de aqui e de ali, e isso é o que neste caso seria a vantagem dos trabalhadores, os seus representantes, etc.

Acho que a unidade a oportunidade de estar aqui a fazer um trabalho, houve uma participação em tudo aquilo, pessoas que queriam ajudar e está em aquele partido. Há de dizer-se que há de parte dos trabalhadores que se dispersaram de aqui e de ali, e isso é o que neste caso seria a vantagem dos trabalhadores, os seus representantes, etc.

Trabalhador A - Estamos a tentar que se esqueça de fazer um trabalho, e que se olhe para os problemas próprios do trabalho e aquilo que eles envolvem, esquecendo e abandonando querelas de ser, digamos, assim, atendendo a um problema porque que é o arranjar realmente trabalho. É evidente, que a nós não nos interessa a vida das pessoas. Todas trabalham, todas precisam de trabalhar, mas sim criar condições para que possamos fazer valer os nossos direitos e a nossa vontade. Um dos erros, quanto a mim que aconteceu no caso TIMEX,

foi que nunca se concretizou coisa nenhuma. Levantavam-se problemas que caíam abaixo, sem irem por diante, não se resolviam e isso foi criando em todas as pessoas uma descrença de tal modo grande que já se não acreditava em coisa nenhuma, mesmo quando o pessoal estava convencido de que quem estava à frente pertencia a este ou aquele partido e que os poderiam defender eventualmente por cor, como vieram sucessivos e sucessivos, deixaram estagnar os problemas sem os resolver, estabeleceu-se uma desconfiança, uma desmobilização, um desinteresse por parte de todos. Isso foi para mim a coisa mais grave que aconteceu no processo TIMEX. E a prova disso é a situação actual: em que há realmente um perigo absoluto e real de despedimento e não se nota da parte de ninguém a vontade de organização, de se unir e de batalharem. O que se deve fazer neste momento é começarmos a fazer algo de válido que congregue novamente, que mobilize novamente as pessoas, para a sua própria defesa, sem estarem à espera que a administração resolva A, que o ministério resolva B, etc., sem que haja uma intervenção real dos trabalhadores. Indistintamente há pessoas que se vão embora sem um protesto, que nada fazem para modificar a situação.

COMO CONSEGUIR A UNIDADE?

COMBATE - Vocês pensam que a unidade dos trabalhadores vai ser encontrada aqui na base de um objectivo comum: o perigo de desemprego colectivo. Mas no vosso processo anterior de luta tiveram problemas vários (partidários e outros, como disse-ram) que fizeram com que não se conseguisse a unidade na luta, e desde o início ou quase que tiveram ameaças de despedimento de desemprego. Parece-me pois que com todo o vosso processo de luta podem ter ganho mais alguma coisa. Não pode ser só o objectivo deste caso ser um ponto de partida porque se não houver um processo de trabalhar em comum, uma forma de organização que mantenha todos os trabalhadores solidários e unidos, uma forma de fazer com que todos os trabalhadores possam participar nas decisões tomadas, a luta dificilmente andará para a frente...

Trabalhador C - Eu percebo a pergunta. A resposta não poderá ser dada por nós, terá que ser dada por todos. Até que ponto a experiência nos deu "endurance" suficiente para nos esquecermos de nós mesmos para começarmos a pensar em nós como parte integrante de um conjunto social, isso é uma coisa que a resposta virá das próprias pessoas. Até aqui os indivíduos pensaram mais nas suas posições pessoais que no bem colectivo.



COMBATE - Acho que isso tem pouco que ver com questões pessoais, mas tem mais a ver com processos de trabalho, formas de organização que os trabalhadores adoptam...

Trabalhador C - Uma das maneiras que eu acho para congregarem as pessoas, é dar-lhes algo que elas esperam de nós, porque até aqui o que é que elas tiveram? Muita fala, muita conversa e poucos ou nenhuns resultados. Importa não mostrar palavras mas apresentar resultados. A TIMEX vai organizar-se em grupos, cada um tentava defender mais a sua ideia do que propriamente o conjunto da organização e isso inevitavelmente criou não só querelas como a desmobilização. O único processo que eu vejo para acabar com esta desmobilização é fazer na prática algo de concreto que mostre que há vontade de andar para a frente.

COMBATE - Isso pode ser um factor, mas não me parece o mais importante. É necessário

DESMOBILIZAÇÃO DAS MULHERES?

COMBATE - Como é que explicam que estejam aqui três delegados sindicais do sexo masculino, quando a fábrica tem 90 a 95% de trabalhadores - mulheres. Isto significa uma não participação das mulheres na luta?

Trabalhador B - A nossa intenção não é, a partida, uma exclusão do pessoal feminino. Existem, neste momento, delegadas sindicais femininas, especialmente no sindicato das braves, que é o sindicato maioritário da dentro. Mas por um motivo ou por outro afastaram-se, de certo modo não são activas no seu trabalho do ponto de vista sindical. Eu posso compreender talvez isso: há problemas inerentes das mulheres, têm muitas coisas que fazer para depois das horas de serviço; têm os filhos e os maridos... de uma maneira geral nota-se um certo afastamento dos elementos femininos. Isso não significa de maneira nenhuma

A QUESTÃO DA "INDEPENDÊNCIA NACIONAL"

Há outro aspecto que queria focar relacionado com a pergunta anterior, com o aspecto de como se consegue congregarem novos elementos. Parece-me que entendi as entrelinhas da pergunta. Eu pessoalmente penso que será muito mais fácil, como tu dizes, que para congregarem as pessoas não basta dizer-lhes isto ou aquilo, é preciso existir uma coisa muito importante que são as relações de trabalho. Mas nesta perspectiva que nós temos no sentido de se realmente a empresa americana deixar de actuar em Portugal, eu penso que neste sentido de independência nacional as pessoas trabalharão com muito mais gosto, mais vontade, se nós conseguirmos a reconversão. Se isto for um facto nós sabemos que estamos a trabalhar para colmar deficiências que existem no mundo do trabalho português. É nesta perspectiva de independência nacional que nós devemos encarar isso. Isto por si só é motivo para as pessoas pensarem e isto tem que ser dito porque é o que eu penso, que já não estão a ser explorados por uma empresa americana e as pessoas sentiram maior prazer, maior gosto em trabalhar.

Trabalhador C - A minha opinião é idêntica. Parece-me que uma coisa que tem agravado na TIMEX é ser uma multinacional e as multinacionais não são bem vistas

que as pessoas não andem para a frente isoladas, mesmo que tenham projectos, mas que as coisas sejam sentidas e feitas pela maioria dos trabalhadores. Porque se as pessoas não lutam e não se conseguem unir é porque não estão a sentir directamente os problemas, não sabem como é que as coisas estão a ser resolvidas e isso cria a desmobilização. O factor que me parece essencial é agregar na luta todos os trabalhadores. E agregar não é levar toda a gente atrás, é fazer com que as decisões sejam colectivas e que todos se empenhem na luta.

Trabalhador B - É fundamental para isso que se consiga acabar com o sectarismo. Porque o que é que aconteceu nesta empresa? Fizeram uma assembleia e só falavam de determinados indivíduos, porquê se outros fossem fazer alguma coisa eram assobiados, zambados, etc., isto instalou-se nas pessoas. Agora será difícil voltar-se para trás aquilo que é seu.

DESMOBILIZAÇÃO DAS MULHERES?

uma exclusividade masculina, não significa que nós não as puxamos para a luta, quanto a mim isto tem uma certa explicação na tal desmobilização que se faz sentir muito mais nas mulheres, embora haja excepções: há moças que continuam activas, que vão a reuniões... há pelo menos umas duas ou três que me lembro neste momento.

Dentro da fábrica e desde há um certo tempo, mesmo nas reuniões com o sindicato do secretariado que fizemos, que se vê muito poucas moças. Talvez por dificuldades internas, inclusivamente de conseguirem dos chefes, dos superiores hierárquicos autonomia suficiente para se deslocarem. Talvez nós, neste momento, estejamos mais à vontade para isso. Teremos que contactá-las, tentar chamá-las... pois que esta fábrica tem uma maioria de pessoal feminino e ele terá que estar largamente e maioritariamente representado nos órgãos representativos.

dado que são organizações superpotentes que conseguem, como o povo, ter sempre tentáculos algures em qualquer lado.

COMBATE - Vocês incidem muito no aspecto de virem a trabalhar para o mercado nacional - como dizem no sentido da "independência nacional". Não há dúvida que deixar de ser explorado por patões estrangeiros é um passo em frente, mas isso não é motivo para nos deixarmos explorar por portugueses. É preciso ter presente que em Portugal também há exploração e não só dos capitalistas privados, pode haver também do Estado (como existe hoje com as empresas nacionalizadas) e as relações de trabalho serem muito piores do que as que existiam nas multinacionais.

O proletariado não ganha ou pode não ganhar com a "independência nacional". Parece-me que o proletariado tem todas as vantagens de estabelecer relações de trabalho, e não só, com os proletários dos outros países. O essencial é que não se deixem explorar por outros capitalistas, já nos chegam os capitalistas que cá temos. Os proletários só têm a ganhar com a destruição das fronteiras, pois o capitalismo hoje é internacional e para o combatemos temos que nos unir ao nível internacional.

MORADORES CONTRA DESPEJOS

(Continuação pag. 1)

ram a portinhola do painel da CRGE e destruíram todos os canos de alimentação e dentro de casa tiraram todos os interruptores, tudo o que era aparelhos de manobra. Isto tudo foi montado pelo senhorio, não foi ele que veio lá fazer, ele trabalhar se calhar na que, tem os seus laços para fazer o que ele não faz.

Barracas isso é para os caes

E agora eu pergunto porque é que este senhor tem hoje um processo no tribunal contra nós se a primeira planta que apresentaram à minha frente era para um hotel junto a outras empresas, que é que esse senhor vai levar para tribunal um pedido de obras de demolição que é abolida (ainda ontem a falar com o Ministro ele disse que 90% das demolições são abolidas) e então ele diz que o prédio é para escritórios. Ora nós achamos que com a falta de casas que há para viverem pessoas que precisam neste nosso Portugal, nós não precisamos de escritórios, achamos até que os há de destruir. Há sei, por exemplo de escritórios que estão à larga... e nós temos que acabar com as barracas em Portugal - essa é a nossa luta, já não fazemos ao nível de Lisboa, fazemos ao nível de Portugal, porque em todos os sítios há barracas e isso é para os caes, eu digo barracas são para os caes, as ratonagens têm de acabar de comer e de fazer isto e aquilo às crianças, que aparecem nos bancos dos hospitais. Se estas casas estão boas porque mandá-las abaixo.

Morador A - Tratámos dos nossos papéis, conseguimos adquirir os impressos, pois nós habitamos e pagamos isto antes um decreto de não ocupação que só saiu a 14 de Abril. Ora isto por lei o senhorio não tinha ordem de demolir e não entregou o prédio ao Mercado da Habitação para ser legado a alguém, começou a demolir sem prévia licença. Nós estamos legalizados por lei da Constituição.

Morador B - Eu soube ontem (27/8/76) que quem fez o decreto 198-A foi o actual Ministro da Habitação. Este senhor disse que todos os senhorios que tivessem dez dias uma casa devoluta tinham direito a dois anos de prisão. E disse: "Sabem quantos processos há contra senhorios nestas condições? Zero".

"A obrigação dos trabalhadores é lutar"

COMBATE - Quando vieram para aqui traziam todos os nossos objectivos, o mesmo espírito de luta. Como é que tratavam das vossas coisas? Continuou a trabalhar a Comissão de luta ou elegeram outro órgão? Como é que funcionam aqui dentro?

Morador A - Quanto ao funcionamento geral, o prédio é muito pobre, há sempre umas pessoas que vão um pouco mais além, têm um pouco mais de conhecimento e um bocadinho mais de vontade talvez e saber para se dirigir a um engenheiro, por exemplo.

COMBATE - Mas discutiam todos o que era necessário fazer?

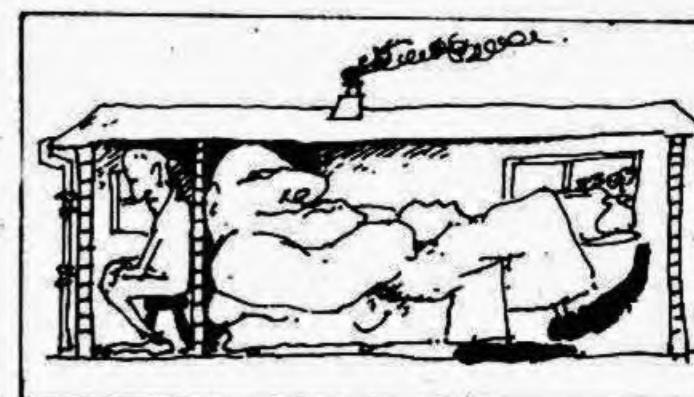
Morador A - Claro que discutimos isto.

Morador B - Nem todos, porque houve moradores que não se preocuparam com nada. Nós chegávamos aqui e dizíamos que era preciso uma folha de papel selado, selos, isto e aquilo. Nós começámos a ir ao Copcon. Estive lá dias inteiros sem comer a espera de uma resposta do Otelo. Eu e mais pessoas, estivemos lá um dia até às tantas numa reunião para decidir e não decidiram nada. Isto partiu aqui da gente, não fomos pedir

Então nós começámos a pressão a meter portas. Como somos pobres fazíamos as nossas próprias portas, as que mais necessitávamos de tinhamos. Ora nós fomos para a frente e só nos arranjam os restos que ele destruiu porque se houver uma comissão de inquérito, que venha do governo, vê porque é que esse senhor tem que ser punido.

Porquê? Porque os senhorios ao nível do dinheiro compraram tudo, compraram câmaras, compraram fiscalizações. Então, ontem, mesmo para nós (estivemos a falar quatro horas com ele) ele disse: "Se o decreto 198-A fosse para a frente as lutas das ocupações já estavam ganhas". Agora eu pergunto aos tribunais como é que se pode fazer acções de despejos quando nós estamos dentro do tal decreto lei, assim como o 445. Se nos estamos dentro dos dois, porque é que a Câmara com todos os contratos que lá metemos não nos passa o arrendamento?!

Morador A - Um dia destes fui ao Mercado de Habitação: é espantoso que se tenha que falar disto publicamente. O senhor responsável, que é engenheiro ou doutor, estava de férias e quem nos arrendou foi um substituto. Este ficou a olhar para mim admirado quando lhe disse que os nossos impressos de contratos de arrendamento dormiam lá há meses numa gaveta em uma prateleira. Esse senhor não queria acreditar. Esses impressos entraram para lá em Julho de 75 e nunca foram assinados e encontram-se junto ao processo do nosso contrato papélinhos mandados pelo senhorio a pedir aos funcionários - funcionários que querem a casa para demorar.



opinio a ninguém. Fizemos uma reunião na garagem e pedimos às pessoas para virem todos e só aparecerem cinco ou seis casais dos dez ocupantes e os outros não vinham por não estarem interessados em se meter nisso. Uns de nós iam para a Câmara, outros para o Mercado de Habitação, outros para a Associação de Inquilinos. Andávamos sempre nesta luta e mais ninguém se preocupou ou ofereceu. Enfim somos muito poucos os que trabalhamos. Assim a gente até perde a vontade de trabalhar porque há aqui senhores que pensam que queremos ser senhorios da casa.

COMBATE - Mas vocês não lutaram para que toda a gente trabalhasse...

Morador A - A gente quando lhes pergunta dizem que sim, mas na altura exacta de trabalhar e de lutar não aparecem.

Morador B - Eu acho que isto já vai do povo português. É porque o povo quando pede 10 tostões e lho dão fica tão contente... Quer dizer, já tem os 10 tostões e pensa que nunca mais lhos vão tirar. Ora, por enquanto, a gente já sabe que ninguém nos dá nada, principalmente à classe trabalha-

MORADORES DIZEM NÃO ÀS DESO

(Continuação pag.5)

dora. A nós o que é que nos dão? Trabalho. É agora a estes senhores deram a possibilidade de ir ocupar casas devolutas e estes tipos ocuparam. E depois pensaram que estavam aqui toda a vida sem pagar uma renda, sem enfim, terem as suas obrigações. Nós temos, enquanto trabalhadores que somos, as nossas obrigações e a nossa obrigação quanto a mim é a luta. Se nós não lutarmos ser-nos-á tirado tudo. Assim em vez de 10 barracas haverão mil ou dez mil, cada vez mais barracas. Claro os senhores ministros quando se lhes diz para ir para as barracas eles dizem que não, mas nós como viemos das barracas não queremos voltar para elas.

Solidariedade na luta contra leis e lacaios

COMBATE - Que apoios têm tido?

Morador B - O apoio que nós temos tido é de todos os trabalhadores, de toda a gente que ocupou casas. Ainda agora quando nos quiseram despejar vieram todos para a frente do prédio, para que se viesse a polícia ou outra coisa qualquer, só a sangue é que saíramos daqui.

COMBATE - Como é que vocês se contactam?

Morador B - Com as Comissões de Moradores pelo telefone.

Morador A - Quem nos começou a apoiar, primeiramente, mesmo do coração, e que nos deu os telefones e até que nos reuniu com as Comissões de Moradores, os GDUPs, tem sido um grupo de pessoas, que são os que mais têm lutado ao nosso lado e até incentivado para nós contactarmos com outras C. de Moradores e GDUPs.

Morador B - A mobilização deste prédio foi a seguinte: todas as famílias que ocupavam prédios faziam reuniões à noite (como sabem era à noite que os senhorios actuavam) em piquetes numa casa, das que havíamos ocupado. Lá agrupámos mais camaradas que quiseram entrar na nossa luta - rapazes e raparigas progressistas que vinham para o pé

A nossa C.M. ... "é que são uns burgueses"

COMBATE - Nessa altura já tinham Comissão de Moradores aqui no Bairro?

Morador B - Não, a nossa Comissão de Moradores começou mesmo pelos moradores, e até se formos ver bem a zona só alguns moradores pobres vão para a comissão. Nesta zona se a gente for de porta em porta ninguém se quer salientar na luta. O que é que a C. de Moradores diz? Que são precisas paragens de autocarros em certas zonas, em certas ruas... Isso não nos interessa. Eu posso caminhar muito bem um Km para apapar o autocarro. E que são precisos par-

Ninguém sai das casas ocupadas

COMBATE - Como é que vocês souberam que iam ser desalojados? E nessa altura que fizeram?

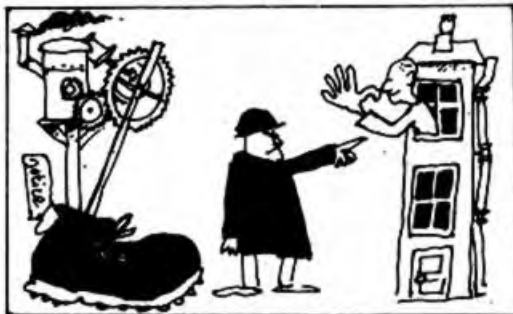
Morador B - Nós recebemos uma primeira notificação em Abril passado. De uma forma um tanto ou quanto apagada nós não sabíamos que se passava às formas jurídicas, até que do tribunal nos vieram cá informar que tínhamos que sair do prédio. Nós dissemos que não. Pediram diversas assinaturas, mas não assinámos nada, até que recebemos uma notificação de que tínhamos vinte dias para abandonar o prédio ou então que vinha cá a polícia desalojar-nos. Nós contactámos com o nosso advogado. O senhorio não pode perante aquilo que é legal, perante o Código Administrativo da Câmara pôr-nos em tribunal. O que é que ele fez? Foi a

Barracas, bastou sermos criados nelas. Ora o que cada um de nós quer é dar aos filhos mais do que nos deram os nossos pais. Então nós temos direito a uma habitação, se esta é digna e se é digna para três famílias que cá viveram, também é digna para as doze que cá vivem. Os outros simplesmente por terem dinheiro, por serem engenheiros ou doutores ou que forem, eu não me considero mais abaixo que eles, porque eles sem o meu trabalho eles não trabalham.

Temos todos direito a uma habitação e está escrito na Constituição que todos os portugueses têm direito a uma habitação, o que não acontece. O actual governo está-nos a enganar e nós não devemos ser enganados.

de nós e nos diziam: "Vocês têm direito a uma casa". Foram principalmente eles que deram a iniciativa. Apoiaram-nos muito e estiveram muito tempo nos piquetes, para o caso de aparecerem alguns lacaios mandados pelo senhorio. Eu sei dum caso na Lapa em que o senhorio pagou a dois indivíduos que chegaram lá e até a uma senhora grávida correram a pontapé. Depois essa senhora ocupou a casa outra vez, o senhorio foi chamado à ordem. O povo entrou lá para dentro, mas a P.M. não deixou senão esses lacaios não saíam de lá, porque indivíduos desses, que bateram uma senhora grávida, em crianças e coisas assim, o que merecem é ter a justiça do povo. Só o povo. Os tribunais para nós, ainda estão a caminhar com as leis burguesas. Enquanto houver a lei dirigida contra os burgueses e contra as classes favorecidas, nós iremos para a frente. Iremos para a frente como? Com as classes do povo, com as classes a lutar e nós não temos medo. Se morrermos meia dúzia, mil ou dois mil, ainda cá ficam muitos outros para lutar, para que um dia tenhamos uma habitação digna, que é só assim que se faz cumprir a Constituição, que todos devemos ter direito a uma habitação. E não é ter direito a barracas e coisas assim parecidas que nos andam a oferecer. É uma habitação digna.

ques verdes... Eu até acho que esta zona já tem muitas árvores. A gente quer na nossa zona comissões de luta, mas de luta a fundo. É que elas esquecem que somos todos desfavorecidos. Eles é que são burgueses. Mas eles esquecem o dia em que o povo lhes há-de pôr a mão. É que gente sabe inclusivamente que aqui na rua há senhoras idosas de 50 e 60 anos a viver numa casa de 6 ou sete assoalhadas. Ah! isso está bem, isso é o que querem! Pois assim nunca mais se arranjam casas para todo o povo. É quase impossível.



outro tribunal que segundo se consta foi buscar um processo de uma acção provisória de posse. Se nós fossemos provisoriamente para a rua, o que é que acontecia? O mes-

mo que os outros têm feito: por exemplo na rua do Salitre que quando saíram os ocupantes ele foi-se meter lá dentro e destruiu o prédio de alto a baixo. Isso não vê o governo. O que vê o governo é que nós estamos a ocupar uma casa da entidade privada. Nós queremos pagar a entidade privada, não a queremos sequestrar ela é que continua agora como sempre a não querer dar nada nem ao governo, nem ao povo aquilo que lhe compete. Quer é só ter para ela duas ou três casas e o povo não tem nenhuma, vive nas barracas, nos bairros de lata. Por isso nós fazemos força e para além de recorreremos ao tribunal convocamos todos os membros de freguesias que nos apoiam a virem aqui para a nossa porta fazer piquetes. O nosso fundamento, a nossa luta é o seguinte: ninguém sai das casas ocupadas. Ainda ontem quando da nossa concentração junto ao ministério, a Lisnave e a Setenave tiveram conhecimento e se fosse necessário paralisavam todos os serviços e viriam apoiar a nossa luta. Esta luta é de todos os

Nem capitalistas privados

COMBATE - Eu penso que enquanto os ministros ganharem vinte ou trinta contos e todos aqueles que estão no aparelho de estado ganharem o balúrdio que ganham, mesmo que desapareçam os capitalistas, os salários dos trabalhadores terão de ser sempre reduzidos...

Morador B - Mas, camarada, nós não podemos fazer nada contra isso enquanto não desaparecer o capitalismo. É preciso primeiro ter que desaparecer o capitalismo e depois do aparelho de Estado estar nas nossas mãos, nas mãos dos trabalhadores... Indo para a luta temos força para acabar com todos os aparelhos de Estado. A gente vê por exemplo

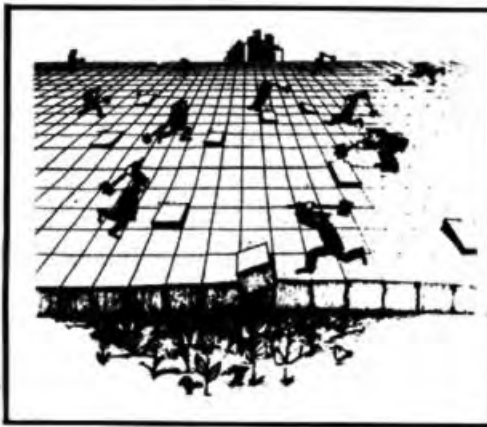
Queremos o

COMBATE - Como é que foi a concentração ontem em S. Bento?

Morador B - A concentração nasceu porque a desocupação dos prédios saiu. Nós reunimos e pensamos fazer o seguinte: Como estive a falar com o Ministro da Habitação duas ou três vezes, propus na reunião que fossemos pressionar outra vez o Ministro a debruçar-se sobre o nosso caso. Na primeira entrevista com o ministro ele disse-nos que havia muitas possibilidades de agora no período de férias coordenar os ministérios e de eles aceitarem o fim imediato das desocupações. Porque eu acho que primeiro terão que pôr fim aos despejos e só depois se discutirá os despejos que se terão que fazer. Dissémos ao sr. ministro que se houvesse despejos de ocupações ilegais, até nós próprios vamos lá a ajudar a desocupar. A gente sabe que houve muito oportunismo no meio das ocupações. Mas esses senhores irão para a rua, que o povo trabalhador é quem tem força. O sr. ministro disse-nos: "Amanhã vou levar isto ao conselho de ministros". Nós convocámos o pessoal que estava concentrado à frente do Ministério da Habitação para que todos se concentrassem frente ao Palácio de S. Bento, a fim de dar um pouco de força ao ministro. O ministro disse que a reunião devia durar das três da tarde até às nove da noite. Porém eram umas seis e meia e já tinham saído. É o governo que não se quer debruçar sobre o nosso caso. O ministro disse: "a gente não se importa que a coordenadora vá lá acima falar no conselho de ministros". "Eu por mim recebo, os outros que falem por eles". Lá está o problema, já sei, há lá senhores que o povo nem sequer quer ver à frente, porque eles se dizem democratas, mas alguns desses senhores também lá estiveram no tempo da ou-

CUPAÇÕES

trabalhadores, não é só dos moradores, todos os trabalhadores precisam de habitação. Ainda ontem fomos repudiados a tiro pela polícia e não tivemos medo. Voltamos ao assalto contra a polícia. Se víamos bem a polícia, eles são filhos do povo. Os pais deles foram sempre explorados, eles continuam a ser explorados, mas esses indivíduos ou drogados ou mentalizados que têm que bater no seu irmão... Ainda ontem ouvi um polícia dizer que nem que visse o próprio pai à frente dispararia. Eu acho que isto está mal. Nós devemos unir-nos; não a esses que eu chamo comilões que ao fim de um mês de actividade têm um mês de férias... Ora se na Constituição está dito que todos somos iguais, tanto para os trabalhadores como para os ministros. Porque aqui não há ministro nem trabalhadores, nós temos aqui a nossa luta - é o ser homem, o ser trabalhador, pois não me importo que o ministro ganhe o que ganhe, só quero que o ministro se ponha ao lado do povo. O papel dele é o de **daf** ao povo o que o povo merece.



Não enfrentamos mais a polícia com os braços a abanar

Morador A - Quando a gente for enfrentar a polícia novamente já não vamos com os braços a abanar, como estávamos ontem em frente ao ministério. Para fazer o que se fez ali já não se vai com as mãos a abanar. E se as mãos estiverem a abanar, as algibeiras já não estarão. E se ali foi o sub-chefe da polícia para o hospital, nessa altura irão vinte, trinta ou quarenta. Embora fiquem outros tantos civis aleijados ao longo da rua. Eles têm que reconhecer que o povo tem que arranjar armas para se defender. Não são armas de balas, como aquelas que eles têm, mas há outras armas que têm tanto poder como aquelas.

COMBATE - Suponhamos que a polícia vinha hoje aqui e dizia: "Logo à noite vão ser desalojados"...

Morador B - Havia logo aqui centenas de pessoas. Actualmente a polícia não pode. E se viessem eram comprados. Nós temos documentos na nossa mão que eles não podem vir. Mas se eles viessem, depressa entraríamos em contacto com aquelas comissões de luta que estão interessadas, com todas as comissões de luta de bairros pobres, e tenho a firme certeza que o nosso prédio, a nossa rua eram ocupados por todos os trabalhadores pobres, por todos os trabalhadores de qualquer empresa, viriam para aqui defender a nossa ocupação. É porque eles e eu sabemos bem que começaram a fazer os despejos daqueles que estão isolados, que era para não dar nas vistas. Depois tentaram começar em Odivelas e despejaram este prédio, depois o governador civil requisitou e foram lá para dentro outra vez.

Ora se nós alicerçarmos a nossa luta nem mesmo os isolados irão para a rua. Os isolados também têm direito à habitação e nós vamos lutar todos por eles, e não temos medo da polícia. Nós estivemos sete meses parados. Agora continuamos a luta, e não pararemos. Agora está alicerçada e nem que seja necessário, em última instância, ir para a guerra civil. O povo terá que ir para a guerrilha. Nós não temos medo da guerra. Andámos lá a defender os burgueses, também lá podemos andar para nos defendermos.

Morador A - É uma cobardia aparecerem lá 20 ou 30 polícias para pôr uma mulher na rua. A mulher estava sozinha em casa. Resistiu com as suas fracas posses, e apareceu-lhe um matulão que a agarrou pelos braços, até lhe meteu as unhas dentro da carne. É uma cobardia de autoridade.

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)

apoia o combate

CAMARADA:

A SOBREVIVÊNCIA ECONÓMICA DE UM JORNAL COMO O COMBATE NÃO É FÁCIL. ELE APOIA-SE SOMENTE NOS TRABALHADORES, NÃO TENDO POR TRÁS QUALQUER ORGÃO POLÍTICO OU PARTIDÁRIO.

PARA CONSEGUIRMOS MANTER O COMBATE TAL COMO ELE É, PRECISAMOS DO APOIO MATERIAL DE TODOS AQUELES QUE ACHAM IMPORTANTE A SUA CONTINUAÇÃO.

PODES APOIAR-NOS:

- AJUDANDO A DIFUSÃO DO JORNAL NO TEU LOCAL DE TRABALHO, OU NA TUA REGIÃO, SE ELE NÃO FOR AÍ DISTRIBUÍDO COMERCIALMENTE.
- FAZENDO-TE ASSINANTE OU FAZENDO ASSINANTES OS TEUS CAMARADAS E AMIGOS.
- FAZENDO ACTIVIDADES PARALELAS QUE POSSAM CONTRIBUIR PARA APOIAR O COMBATE.

PARA TODOS OS CONTACTOS:

- RUA DA ATALAIA, 204-206 LISBOA-2 (Bairro Alto)
- TELEFONE: 371733 (das 14,30 às 22 horas, todos os dias úteis, incluindo sábados).
- RUA DO BREINER, 50, PORTO.

Reuniões Combate

Se queres colaborar na realização do jornal COMBATE, se queres discutir connosco os editoriais, se queres discutir o conteúdo do jornal, aparece nas nossas reuniões em Lisboa TODAS AS TERÇAS-FEIRAS, às 21,30 horas, na Rua da Atalaia, 204-206 (no Bairro Alto); ou no PORTO, TODAS AS QUINTAS-FEIRAS, às 21,30 horas, na Rua do Breiner, 50.

Para qualquer informação podes telefonar para o número 371733 (Lisboa) todos os dias das 14,30 à meia-noite.

AUMENTO DO PREÇO COMBATE — PORQUÊ

O COMBATE passa a custar \$500 a partir deste número.

Não encontramos outra alternativa devido ao recente aumento do preço do papel (mais 20%), devido aos custos de distribuição, devido ao crescente aumento do preço da produção.

NÃO AUMENTAMOS, NO ENTANTO, O PREÇO DAS ASSINATURAS.

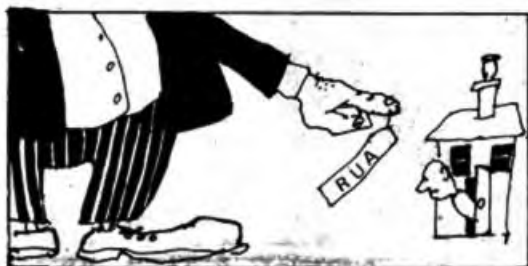
QUERO ASSINAR O COMBATE DESDE O MÊS ...

- 1 ano (26 números) 96\$00
- 6 meses (13 números) 48\$00
- Apoio (anual) 120\$00 mínimo
- Europa (anual) 212\$00 por avião
- USA (anual) 264\$00 por avião
- Angola (anual) 216\$00 por avião

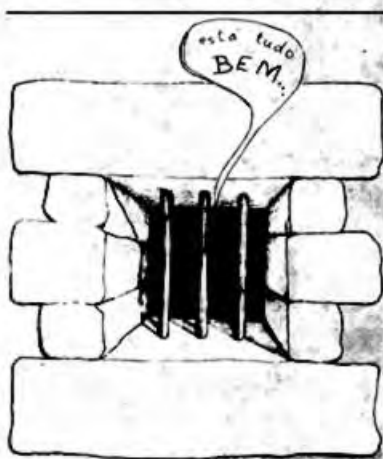
QUERO VENDER ... EXEMPLARES DO COMBATE

Junto envio\$...

(Todos os cheques e vales devem ser enviados em nome do director)



ASSIM VAI O MUNDO DEMOCRÁTICO...



REPRESSÃO NA ALEMANHA

Em Maio do corrente ano disse-se que ULRIKE MEINHOF "se suicidou" na prisão. Nós, contudo, cremos que foi assassinada. Ela era membro da R.A.F., uma organização de guerrilha urbana que luta contra o neoznismo na Alemanha capitalista.

Desde há muitos anos que ULRIKE vinha sendo mantida em completo isolamento. Depois da sua morte houve enormes manifestações de protesto e repulsa contra tais métodos de repressão e tortura.

É necessário dar a conhecer a opinião pública portuguesa aquilo que vem acontecendo já há anos na dita República Federal Alemã: o nazismo continua a avançar conjuntamente com a direita reacionária e a disciplina é uma palavra de ordem imposta.

Pessoas com ideologia contrária ao actual regime, são afastadas da função pública e aquelas que se candidatam são simplesmente marginalizadas e consideradas criminosas. Contra tudo isto o povo mantém-se apático.

Depois da morte de ULRIKE, viu-se que havia um grande descontentamento mostrado nas manifestações que foram reprimidas pela polícia de choque. Daí surge uma onda de repúdio contra as acções e cargas da polícia e numa destas manifestações foram lançados cocktails molotov contra a repressão policial, tendo sido ferido um polícia. Foi então preso GEHARD STRECKER, acusado de ter lançado os molotovs, apesar de muitas testemunhas terem comprovado a sua não participação nesta manifestação. Daí por diante houve forte mobilização para a libertação de G. STRECKER e em particular pelo movimento das mulheres de Francfort, que esteve muito activo, pois têm sido principalmente as mulheres a sentir a repressão. O movimento de mulheres de Francfort é composto por cerca de 500 mulheres e o seu centro já foi várias vezes assaltado pela polícia devido às suas ideias de esquerda. Muitas mulheres têm sido presas, embora mais tarde sejam postas em liberdade. Através da mobilização desenvolvida por este movimento, as mulheres conseguiram a libertação do pseudo-lançador de molotovs.

A burguesia contradiz-se ao acusar G. Strecker. Agora acusa uma jovem que pertence ao movimento das mulheres, GISELA ICKLER. GISELA ICKLER foi presa na noite de 14 de Julho em sua casa, quando dormia, e acusada de assassinato. A sua fotografia foi escolhida por uma mulher que afirma tê-la visto na manifestação. O mesmo sucedeu com GEHARD STRECKER: foi apontado por

uma outra pessoa. Em ambos os casos afirmaram terem visto GEHARD e GISELA a atirar o cocktail molotov, apesar da fotografia mostrar pessoas completamente diferentes: ele de barbas e ela de cabelos compridos, quando não é o caso. A polícia manipula a situação como lhe apetece.

A advogada de Gisela (Barbara Schoeu) levou no dia seguinte três pessoas ao tribunal que poderiam provar inequivocamente que Gisela estava noutro local à hora da manifestação. Mas o juiz ignorou-os, mentindo depois à imprensa dizendo que Gisela não tinha qualquer testemunha para depor por ela. O facto da fotografia e dos nomes completos de Gisela e GEHARD terem sido publicados na imprensa é neste momento um crime, visto que na Alemanha não se consegue emprego quando se é de esquerda.

Para Portugal é importante saber que toda esta repressão é levada a cabo por um governo social-democrata, cujo partido em que se apoia deu toda a ajuda possível a Mário Soares.

Este texto foi apresentado pelo "COMITÉ ALEMÃO DE APOIO A PORTUGAL" ao "CONGRESSO DAS MULHERES TRABALHADORAS" realizado pela Intersindical em 27 de Julho deste ano. Nela se apelava para o Congresso escrever uma moção de repúdio a ser enviada à embaixada alemã em Portugal ou ao Presidente da polícia de Francfort. Inicialmente comprometeram-se a ler a moção, mas mais tarde esquivaram-se alegando terem muitas resoluções a ler.

COMO MORREU U. MEINHOF

Em 9 de Maio de 1976 o mundo soube que ULRIKE MEINHOF, uma dirigente do grupo Baader-Meinhof, se tinha "suicidado" na prisão essencialmente construída com o máximo de segurança, em Stuttgart, onde ela tinha estado encarcerada durante muitos meses, antes e durante o julgamento.

Desde então, veio à luz um certo número de factos que lançam sérias dúvidas sobre a versão oficial dos acontecimentos. Estes factos levantam questões importantes não só para todos os dissidentes políticos, mas para todos os que se interessam pelas liberdades civis.

Em, na realidade, a morte de ULRIKE MEINHOF devida a suicídio por enforcamento, os seus amigos e parentes manifestaram profunda preocupação por ela ter sido aplicada no penitenciar de Stuttgart, onde ela tinha estado encarcerada por motivos de segurança política, antes da sua morte. As aplicações desta resposta afirmaram e são devesas consideradas um crime contra toda a gente.

Os factos foram autopsias de ULRIKE MEINHOF. A primeira, a normal, efectuada em presença da mãe e de familiares públicos, teve lugar em 12 de Maio de 1976 e foi realizada por peritos médicos alemães e polacos. Nos advogados e representantes públicos da morte foi notado o direito de assistir. Os relatórios das observações foi publicado pelo Departamento de Estado de Stuttgart. O Departamento de Medicina Legal em Stuttgart assinado pelos Profes-

sores Hans-Joachim e Heilwig, a segunda foi realizada dois dias mais tarde, a pedido da família, pelos Professores Werner Jansen e Jürgen Schröder, do Instituto de Medicina Legal da Universidade de Hamburgo. Não tiveram acesso a todos os tecidos à disposição dos que executaram a autópsia inicial, nem às roupas ou outro material importante (como fotografias mostrando a posição em que foi encontrado o corpo, etc.).

Ambos os relatórios nos chegaram às mãos. Consideramos essencial que as conclusões sejam difundidas o mais largamente possível. Tanto no que dizem - como no que não dizem - os documentos são profundamente perturbadores.

Se levantamos estas questões queremos evitar as usuais distorções manipulatórias dos depoimentos que caracteriza tanto as igrejas e grupos políticos. As concepções políticas de ULRIKE MEINHOF não eram as nossas. Mas isso não nos impede de fazer questões fundamentais são muito maiores que as de qualquer indivíduo ou grupo.

O relatório da autópsia oficial menciona que o corpo de ULRIKE MEINHOF foi encontrado com o calcanhar esquerdo apanhado na cadeira a que ela presumivelmente tinha subido para enforcar. Por outras palavras, não tinha havido uma "queda" substancial. Se se tratou de suicídio, a causa da morte foi mais provavelmente a asfixia e não a mais habitual desarticulação das vértebras cervicais, tal como acontece nos enforcamentos judiciais. Uma das características mais importantes da asfixia por estrangulamento é a obstrução do regresso do sangue proveniente da cabeça. A prova desta obstrução é a presença de hemorragias nas conjuntivas dos olhos. Os relatórios de ambas as autópsias mencionam que não se encontraram tais hemorragias. Nem havia qualquer sinal de saliência dos olhos ou da língua, ou de cianose (descoloração azul) da face, como vulgarmente se vê nas mortes por asfixia. Embora o osso hióide na base da língua estivesse fracturado, não havia qualquer contusão no pescoço no local da marca feita pela "corda de toalha" com que alegadamente a prisioneira se enforcou. O menos que se pode dizer é que estas constatações negativas não são usuais numa pessoa que tenha morrido por asfixia. São, no entanto, compatíveis com a morte por inibição vaginal, isto é, com a morte devida à pressão nos seios das carótidas no pescoço, que pode ter como resultado a paragem reflexa do coração.

Há outros factos perturbantes, de natureza positiva.

Ambos os relatórios mencionam uma forte congestão dos órgãos genitais externos e contusões nas barrigas das pernas. Ambos mencionam uma escoriação coberta com um coágulo de sangue na nádega esquerda. O relatório Jansen-Schröder menciona também uma contusão na coxa direita. Um exame da roupa interior da prisioneira na altura do exame inicial revelou manchas suspeitas. Testes para pesquisa de fluido seminal foram oficialmente descritos como positivos, embora não se encontrasse esperma (Relatório Oficial do Acusador Público, Laboratório Criminal-Técnico ... 11 de Maio de 1976).

Profundamente perturbado por estas conclusões, pela prisão do advogado de defesa de ULRIKE MEINHOF (precisamente quando ele tinha chegado ao conhecimento de alguns destes factos), bem como por um certo número de discrepâncias e contradições na declaração oficial, um sub-comité do Sindicato dos Escritores Alemães está a planear uma conferência em Stuttgart, em 26 de Agosto, na qual se espera ventilar estas questões e pedir uma investigação internacional (para evitar possíveis pressões sobre os cidadãos alemães que desejam fazer declarações de natureza técnica).

Apelamos a todos quantos se interessam pelos direitos humanos elementares que divulguem estes factos o mais possível e ajudem a quebrar a conspiração do silêncio que até agora os tem rodeado. Apela a todos os que se sentem perturbados com estas notícias para que se unam para ajudar a reconstituir o que realmente aconteceu.

Se tais coisas puderam acontecer na Alemanha, não poderiam acontecer aqui? Se isto pôde acontecer a ULRIKE MEINHOF não poderia acontecer a qualquer de nós?

Tradução de um texto publicado pelo grupo inglês SOLIDARITY a 13 de Agosto de 1976 (SOLIDARITY, 123 Latham Road, London E.6)

